

Psicologia

Maternidade e amamentação na adolescência: a construção do vínculo afetivo

Beatriz dos Santos Pereira*
Adriana Sperandio Ventura Pereira de Castro**

RESUMO

O presente artigo traz um relato do trabalho desenvolvido no Estágio Básico Supervisionado IV, no primeiro semestre de 2009. Foram realizadas observações livres e abordagens com diversas mães em sala de espera, antes da consulta médica. Observou-se também um grupo de mães adolescentes, pertencentes à faixa etária de 14 a 19 anos, no Centro de Clínicas Especializadas de Juiz de Fora–MG, coordenado por uma assistente social. Tais observações e intervenções tiveram como objetivo principal verificar o processo de construção do vínculo afetivo mãe-bebê através do aleitamento materno, da experiência de ser mãe e dos cuidados dispensados ao bebê, principalmente para as adolescentes. As mães contribuíram para a realização das observações, através de relatos espontâneos acerca da gestação, do parto e do pós-parto, centrando o discurso na fase da amamentação, além de responderem a questionamentos quanto às emoções vivenciadas em cada situação e quanto ao estabelecimento do primeiro contato com a criança.

Palavras-chave: Adolescência. Maternidade. Amamentação. Vínculo afetivo.

ABSTRACT

This article presents a report of the work developed in Basic Supervised Stage IV, in the first semester of 2009. It was done free observations and approaches with many mothers in waiting room before medical consultation. It was also observed a group of pregnant teenagers, with ages between 14 and 19 years old, in Centro de Clínicas Especializadas de Juiz de Fora – MG that it is coordinated by a social worker. These observations and interventions

* Graduanda em Psicologia CES/JF

** Graduação em Serviço Social pela UFJF (1988) e Graduação em Psicologia pelo CES/JF (1989). Licenciada em Psicologia (1991). Mestre em Educação (2004) e Mestre em Letras (2008), ambos pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

had as main objective to verify the process of construction of an affective bond mother-baby through the maternal lactation, the experience of being a mother and the care with the baby mainly for the teenagers. The mothers have contributed for the research by telling spontaneously facts about the gestation period, the childbirth and the postpartum concentrating their reports in the breastfeeding facts. Besides it, they answered some questions about the emotions felt in each situation and about the establishment of the first contact with the child.

Keywords: Teenage. Maternity. Breastfeeding. Affective bond.

1 INTRODUÇÃO

Durante a gestação e a amamentação, a mãe passará por mudanças nos aspectos fisiológicos e emocionais que a tornará muito sensível, emotiva e insegura. Assim, os aspectos emocionais que envolvem a mulher durante a gestação, o parto, o pós-parto e, sobretudo, a amamentação, precisam ser bem informados e elaborados, garantindo um bom desenvolvimento da criança e do vínculo afetivo mãe-bebê, pois uma mãe previamente bem orientada certamente estará mais tranquila e preparada para enfrentar seus temores, seus medos e desenvolver um relacionamento saudável com seu filho.

Uma amamentação prazerosa é nutritiva tanto física quanto psicologicamente, pois os bebês nascem com uma grande sensibilidade para captar sinais da qualidade do afeto dispensado a ele pelos pais. A amamentação é a primeira forma de comunicação da criança com o mundo e de estabelecimento de laços afetivos que se dá intermediada por seus pais, em especial, pela mãe. Os pequenos gestos e sentimentos como o toque materno, a atenção da mãe face a face e o prazer em amamentar são muito significativos, pois através deles o bebê irá desvendar e conhecer o meio ao seu redor, que lhe será apresentado de uma forma particular, além de construir as bases da sua personalidade e de seus futuros relacionamentos sociais.

O trabalho realizado no Estágio Básico Supervisionado IV objetivou verificar o processo de construção de vínculo afetivo entre mãe e bebê através do aleitamento materno, voltado principalmente para os filhos de mães adolescentes. Constituiu-se de uma parte teórica a cerca da maternidade, do vínculo afetivo e da gravidez na adolescência, e de uma parte prática, em que diversas mães foram observadas e questionadas a respeito da gestação, do parto, e do pós-parto, quanto às emoções que foram sentidas em cada situação, como foi o primeiro encontro com o bebê, como se estabeleceu a amamentação, os cuidados com a criança e a participação do pai nessa relação.

Durante as observações, percebeu-se que, em geral, as mães durante a espera para atendimento médico, mantinham-se ansiosas e angustiadas, principalmente, ao vacinar o bebê ou quando ele não se sentia bem. Por sua vez, as mães adolescentes observadas aguardavam apenas consultas de rotina e também se mostravam ansiosas, especialmente quando aparentavam ter alguma dúvida sobre o tema abordado. Todas contribuíram significativamente, uma vez que participaram dos debates e das conversas.

Foram levantadas hipóteses de que as mães que recebiam apoio do pai da criança e da família se adaptavam mais facilmente às condições de mãe e estabeleciam mais facilmente um vínculo afetivo com seu bebê; contudo as mães mais jovens tinham maior dificuldade de estabelecer o vínculo afetivo, muitas vezes passando à avó da criança a função materna. Tais hipóteses foram confirmadas no decorrer das observações de acordo com as informações e com os relatos obtidos.

2 A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO ATRAVÉS DA AMAMENTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

Segundo Jesus (2008), a mulher traz, desde sua infância, o preconceito sobre a maternidade, carregando uma imagem idealizada do ser mãe diferente da realidade.

A mulher vive a maternidade de forma intensa e ao mesmo tempo muito ambivalente, onde a chegada do filho é vivida como o seu próprio despertar para a vida, entretanto, a vinda do bebê é marcada num primeiro momento por um sentimento de perda experimentado como um empobrecimento de si mesma como mulher. A mãe passa também por um desconforto devido a sua expectativa e idealização de parto e da própria figura do filho, que normalmente é bem diferente da realidade. (JESUS, 2008, p)

Winnicott (1994) afirma que a mãe, após ter um bebê, também pode ter sua mente voltada a um período inicial da sua vida e tais lembranças podem evocar nela uma necessidade especial de proteção, precisando sentir-se segura, protegida e contida. Assim, em nossa cultura, o apoio do marido é essencial para a mulher e ele deve estar ao seu lado todo o tempo que for possível. Porém, nesse período, o pai tem necessidades semelhantes e também precisa de apoio, assim, por meio de uma ajuda mútua, pai e mãe irão de recolocar nesse espaço familiar e social.

Segundo o autor, dentre as mudanças trazidas pelo nascimento de um bebê, está à re-estruturação dos papéis e responsabilidades. Assim,

os pais voltam-se à satisfação das necessidades do bebê, à manutenção do relacionamento de um com o outro e à adaptação entre as atividades anteriores do casal e a nova realidade.

A mãe, em especial as mães primíparas e as adolescentes, merecem maiores cuidados e um ambiente protetor que as ajude a desempenhar com sucesso o papel de mãe, para que elas, assim, consigam se adaptar com maior facilidade às suas novas condições.

Porém, o mito da maternagem coloca o seio em exagerada evidência. Levando a mãe a se sentir obrigada a amamentar no seio. Dessa forma, quando a mãe tem dificuldades pessoais muito grandes devido aos seus próprios conflitos internos, que talvez estejam ligados às experiências pelas quais passaram quando crianças, ela pode ter alguma dificuldade de amamentar. Porém, muitas vezes, é forçada a amamentar, mesmo contra a sua vontade, suas condições físicas e emocionais. Dessa forma, a amamentação vai tender ao fracasso ou mesmo se transformar em um desastre. Winnicott (1994) afirma que existem outras maneiras através das quais a mãe pode possibilitar algum tipo de intimidade física, não dependendo exclusivamente do uso do verdadeiro seio.

Segundo o autor, a maternagem é, portanto, um processo global de envolvimento mãe e filho, sendo o relacionamento amoroso e corporal como totalidade que alimentará os processos introjetivos da criança, em que o mamar deve ser acompanhado de um ritual prazeroso de conhecimento de uma figura amada e permanente.

Sendo assim, na amamentação, o mais importante é a mãe segurar seu bebê nos braços de forma aconchegante, para que ele se sinta acolhido e protegido e que se mantenha um contato face a face, de forma que o ato da alimentação seja um momento em que mãe e bebê estão juntos, compartilhando uma experiência intensa e única que se concretiza apenas a dois.

Dar leite a uma criança na mamadeira pode também ser uma experiência calorosa e amorosa para ambos os pais. O importante é que eles segurem o bebê em seus braços e olhem para ele, de forma que o ato da alimentação passe a ser um momento em que estão juntos, e não uma experiência impessoal. (WINNICOTT, 1994, p. 95)

A amamentação é a melhor forma de alimentação para os bebês, sendo rica não só em seu âmbito nutricional como fonte de nutrientes e anticorpos, mas rica também em seu âmbito afetivo e emocional, pois é através da amamentação que o bebê vai obter seu primeiro contato com a

mãe e com o mundo que o cerca.

Winnicott (1994) ressalta que, quando a mãe e o bebê permanecem juntos após o nascimento, possuem um momento que permitirá uma série de eventos sensoriais, hormonais, fisiológicos e comportamentais que irão contribuir para o estabelecimento de um vínculo entre mãe e bebê, e irá uni-los gradualmente, garantindo o posterior desenvolvimento de seu relacionamento.

Dessa forma, o autor assinala que, nas primeiras amamentações e nas subsequentes, são as sensações de fome e as necessidades fisiológicas e emocionais do bebê que irão determinar quando este será amamentado. Durante a amamentação e a alimentação no seio, o bebê é capaz de ver a mãe claramente e observar suas expressões faciais e sentir o calor de seu corpo e de seus braços. Portanto, é preciso levar em conta tudo o que a própria mãe sente e experimenta e que esse momento seja permeado de tranquilidade e satisfação para ambos, a fim de esta relação se desenvolver de forma saudável e eficaz.

O leite da mãe não flui como um líquido excretado. É uma resposta a um estímulo, e o estímulo é o ver, o sentir o cheiro de seu bebê e o som de seu choro que indica necessidade. É tudo uma mesma coisa, o cuidado que a mãe têm com seu bebê e a alimentação periódica se desenvolvem como se fossem um meio de comunicação entre os dois – uma canção sem palavras. (WINNICOTT, 1994, p.97)

Portanto, a amamentação é uma experiência única e particular de comunicação entre mãe e filho que, sendo bem estruturada e positiva, possibilita ao indivíduo, com o passar do tempo, oportunidade de se lançar no mundo de forma criativa, desfrutando e utilizando tudo aquilo que o mundo lhe oferecer.

A construção do vínculo afetivo e o estabelecimento de bom relacionamento entre mãe e bebê podem apresentar diversas dificuldades e serem fortemente prejudicadas quando a maternidade se dá no momento da adolescência, momento em que a mãe estará passando por diversas modificações físicas e psicológicas. A interrupção desse processo por uma gravidez irá, portanto, refletir diretamente nos laços a serem formados. Uma atenção especial deve ser dispensada a essas mães para que elas possam desenvolver fortes laços afetivos e um bom relacionamento com seu filho.

Cronologicamente, a adolescência é definida como o período de 12 anos até os 19 anos de idade. Nessa fase, ocorrem fenômenos importantes como a puberdade, do ponto de vista biológico, e a passagem da infância

para a vida adulta, do ponto de vista social.

Santos e Carvalho (2006) afirmam que a adolescência é uma fase de desorganização psíquica. O adolescente não possui ainda a capacidade de organizar os conflitos e aspectos primitivos que vêm à tona e ao lidar com seus impulsos agressivos e sexuais, em vez de elaborá-los internamente, muitas vezes os descarregam em ações para satisfação dos desejos imediatos.

Alguns autores consideram a gravidez na adolescência como fator apenas de cunho social, porém é válido considerar conceitos como de Bion (1991 apud SANTOS; CARVALHO, 2006) em que o autor afirma ser uma das razões da gravidez na adolescência um déficit na capacidade de autocontinência por parte dos adolescentes para lidar com seus desejos, impulsos, angústias e demais conflitos, conscientes e inconscientes, que os afligem. É importante, ainda, levar em consideração os aspectos psíquicos, sociais e o papel da família nessa fase de transição precoce para a vida adulta.

Santos e Carvalho (2006) afirmam, quanto aos aspectos psíquicos, que muitas adolescentes engravidam "porque alimentam um sonho de serem reconhecidas como mulheres, porque acreditam que é isso que o namorado quer, porque querem ser vistas como adultas, etc", ressaltando que faz parte da socialização da menina que seu grande valor está em uma maternidade futura, pois o papel de mãe é grandemente valorizado e desejado pela sociedade, implicando em uma indesejada antecipação da maternidade.

Santos e Carvalho (2006) ressaltam que na adolescência são reeditados conflitos relativos a etapas primitivas do desenvolvimento, gerando ansiedades pertinentes à ameaça de perda de segurança, perda do objeto de amor, desamparo, sensação de desvalia e abandono, sendo assim algumas adolescentes projetam seus anseios no namorado, na gravidez e no filho que está por vir para se sentirem *aceitas*, protegidas, compreendidas e adquirirem um papel e uma identidade na sociedade.

No que tange aos aspectos sociais, Santos e Carvalho (2006) afirmam não haver como compreender a adolescência, estudando-se separadamente os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Sendo assim, torna-se de fundamental importância considerar o modo de vida das adolescentes, a classe social, a cultura e os costumes dessas adolescentes grávidas.

O papel da família exerce profunda importância na estruturação do psiquismo da criança e, conseqüentemente, na formação da personalidade do adulto, determinando como o indivíduo interagirá e configurará suas relações grupais e sociais ao longo da vida. (SANTOS; CARVALHO, 2006)

É importante ressaltar que os aspectos citados não se tornam regra

para todas as adolescentes que engravidam, porém fazem parte da realidade de muitas jovens que foram observadas e abordadas durante o período da pesquisa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações realizadas, verificaram-se alguns aspectos fundamentais à análise aqui elaborada, que influenciam diretamente na ocorrência de gravidez na adolescência, tais como os aspectos psíquicos, sociais e familiares citados no desenvolvimento do trabalho.

A faixa etária das mães observadas varia de 14 aos 19 anos, sendo em sua maioria, mães solteiras que engravidaram principalmente por descuido. Algumas só descobriram a gravidez depois que já não estavam mais com seus companheiros. A maioria dessas mães pertence à classe social baixa, porém, todas relataram que receberam informações sobre o uso de preservativos e contraceptivos, ciclo menstrual, período fértil e sobre riscos e encargos de uma gravidez.

Quanto à amamentação, a grande maioria das mães que participaram da pesquisa estava amamentando no seio ou já havia amamentado, mas interromperam o aleitamento devido problemas de rachadura e dores. As mães relataram gostar de amamentar, sentir prazer, e que nesse ato havia o estabelecimento de contato físico através de carinhos, afagos, brincadeiras e risos entre elas e seus bebês. Poucas mães afirmaram não gostar de amamentar, alegando se sentirem presas aos horários da amamentação, sem poder sair de casa por muito tempo; também afirmaram sentir vergonha de amamentar na frente de outras pessoas e não gostar das brincadeiras que o filho fazia durante o aleitamento.

Verificou-se, portanto que o aleitamento materno em mães adolescentes se dá, em sua maioria, de forma natural e eficaz, proporcionando o estabelecimento de um forte vínculo afetivo entre mãe e bebê. Porém, ainda há algumas adolescentes que, por falta de informações acerca da importância do aleitamento ou por não desejar assumir o papel e as responsabilidades maternas, não têm efetuado uma amamentação saudável que poderá prejudicar o vínculo afetivo e, futuramente, o desenvolvimento e as relações sócio-afetivas dessas crianças.

Artigo recebido em: 24/08/2009
Aceito para publicação: 19/10/2010

REFERÊNCIAS

JESUS, Maria das Graças Santana de. Laços de amor: Maternidade e Amamentação. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 20, p. 149-155, 2006.

SANTOS, Andréia; CARVALHO, V. Cristina. **Gravidez na adolescência**: um estudo explanatório. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em: 27 mai 2009.

WINNICOTT, Donald W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.